

CONTEXTO SOCIAL DA SUINOCULTURA BRASILEIRA

CAIO ABÉRCIO DA SILVA¹
PAULO ROBERTO RIBEIRO²
WILSON CASTILLO SOTO²
DAVID GEORGE FRANCIS³

SILVA, C.A., RIBEIRO, P.R., SOTO, W.C., FRANCIS, D.G., *Semina: Ci. Agr.*, Londrina, v.19, n.1, p.94-98, mar. 1998.

RESUMO: A dinâmica da suinocultura brasileira é limitada pela instabilidade econômica do setor. Um grande número de fatores relacionam-se com este quadro. Nesta revisão, a estrutura atual da suinocultura nacional é discutida dentro de um contexto social, objetivando melhor entendê-la, a fim de estabelecer seus novos rumos e formas de sustentação e viabilização atrelada a sua importância socioeconômica.

PALAVRAS-CHAVE: Economia, sociologia, suinocultura, suínos.

1. INTRODUÇÃO

A atividade suinícola brasileira está sendo praticada sobretudo em minifúndios e fortemente associada ao cultivo de milho (Santana, 1992). A região Sul do Brasil, com 40% do efetivo do rebanho nacional e 87% do abate inspecionado, mostra-se, na atualidade, saturada, principalmente quando se enfocam problemas ambientalistas. O desenvolvimento da atividade nas outras regiões, principalmente Sudeste e Centro-Oeste, produtoras, por excelência, de insumos básicos para a atividade (como milho e soja), esbarra na falta de tradição da população com a criação de suínos, já que estas regiões se caracterizam, na atividade agropecuária, pela produção bovina extensiva, ocupando uma grande extensão territorial de terras agricultáveis (EMBRAPA, 1992).

Os sistemas de produção utilizados na suinocultura também são os mais diversos possíveis, desde formas de criação, até métodos de alimentação, modificando e sendo modificados de acordo com as peculiaridades regionais, os objetivos a que a produção se destina e os momentos econômicos que atravessam.

A EMBRAPA (1992) cita que a importância da suinocultura brasileira, como função social, em ordem descendente é:

- alimentar a população brasileira;
- viabilizar o pequeno e médio produtor agrícola;
- gerar emprego e fixar o trabalhador no meio rural;
- contribuir para o desenvolvimento das regiões produtoras de cereais.

Quando, porém, se estabelece uma ordem, pode ocorrer que erros apareçam neste processo de ordenação, já que se privilegia, às vezes, um

determinado aspecto ou uma determinada região em detrimento de outras.

Seria interessante encarar a função social da atividade como uma visão holística, para que os desvios decorrentes de uma má interpretação fossem os menores possíveis. Os processos que ocorrem no meio rural brasileiro, os agronegócios, talvez fossem um possível meio de compreensão. Sob uma ótica generalista, porém, verificamos que estes processos não ocorrem em todos os pontos do país, privilegiando, neste aspecto, principalmente o Centro-Sul brasileiro.

Nesta forma de pensamento, a preocupação deste estudo é procurar analisar a atividade suinícola no contexto social, em sistemas já implantados ou em vias de implantação, visando elucidar aspectos econômicos desta produção.

2. EVOLUÇÃO DA SUINOCULTURA BRASILEIRA

A evolução da produção animal no Brasil na década de 90, mostra que o setor que obteve o maior crescimento foi o de frangos de corte (71,51%). A suinocultura aparece em segundo lugar com uma média de crescimento de 5,14% entre 1990 a 1994 e 23,6% em 1995. Esse crescimento em 1995 se explica pela estabilização econômica do país em virtude do Plano Real (Roppa, 1996).

Adversamente, nosso histórico registra de 1980 até 1994 uma estagnação do setor, e por que não dizer até uma involução, se formos analisar não somente pelo aspecto número de cabeças, mas pela taxa de abate (ou taxa de desfrute), consumo e produção de carne (ABCS, 1995).

O panorama nacional atual da atividade apresenta um rebanho de 34,8 milhões de suínos, ocupando o

¹ Professor Adjunto do Departamento de Zootecnia - Centro de Ciências Agrárias Universidade Estadual de Londrina - Cx. Postal 6001-CEP 86051-520 - Londrina-PR.

² Doutorando do Curso de Produção Animal - Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias - Jaboticabal-SP.

³ Professor Titular do Departamento de Produção Animal - Universidade Federal de Uberlândia- Uberlândia - MG.

quarto lugar em número de cabeças. Em relação à produção de carne, porém, ocupamos a 14^o posição. Tal quadro, portanto, apresenta duas suinoculturas distintas, quais sejam: a tradicional, constituída por raças "nativas" e de baixo desempenho zootécnico, situada principalmente acima da região sudeste; e a outra, de animais tipo "carne", predominante no Sul e Sudeste do país.

Castro (1967), falando de subdesenvolvimento, comenta que o mesmo é caracterizado por desnível econômico, por disparidade entre os índices de produção, de renda e de consumo entre diferente camadas sociais e diferentes regiões que compõem o espaço sócio-geográfico de uma nação.

Ao se colocar os moldes de uma economia subdesenvolvida, de acordo com Singer (1982), é necessário que se considere que esta economia subdesenvolvida esteja inserida num país subdesenvolvido e que se encontre num sistema econômico de produção liderado por nações industrializadas. Nesse aspecto, também podemos verificar na suinocultura um entrelaçamento da atividade agropecuária e manufatureira, já que a atividade em sua forma plena, necessita da indústria desde a venda de insumos para a alimentação dos animais, até o momento em que se tem o animal pronto ou terminado, sendo também a indústria que controla o comércio destes animais.

Ao se buscar uma relação histórica nestes processos, concordando com Carvalho (1992), verificou-se que o Estado, via política creditícia, potencializou, a partir da década de 60, um amplo mercado para os produtos industrializados para a agricultura, e também foi observado que as relações de subordinação entre o subsistema agropecuário e o subsistema comercial/financeiro, existentes desde o período colonial, foram reforçados com o surgimento da chamada agroindústria.

3. CONSUMO COMO ESTÍMULO PARA O CRESCIMENTO DO SETOR

Reconhecendo a complexidade do mercado produtivo, o consumo de carne suína apresenta relações favoráveis ou não com uma série de fatores e, em certos momentos, temos dificuldade para compreendê-los. Estas relações, ora são de ordem econômica, ora de natureza nutricional e, também, freqüentemente ligadas a tabus, preconceitos, dogmas religiosos e a outros motivos de natureza social.

O consumo de carne suína no Brasil não apresentou modificações significativas no período de 1970 a 1989 (EMBRAPA, 1992). A partir de 1975 até 1980, apesar de não ter aumentada a sua participação no consumo total de carnes, houve um crescimento significativo na quantidade consumida, chegando a 9,9 kg *per capita*/ano. Na década de 80, esta média caiu para 7,66 kg/habitante/ano, sendo inclusive inferior ao período total da década de 70 (EMBRAPA, 1992).

Diante disto, podemos supor que a demanda por suínos é decorrente da demanda dos consumidores

finais por carne e derivados. Um comportamento tão estável, como o consumo de carne suína no Brasil, faz supor um produto cuja demanda tem características de baixa elasticidade, o que significa dizer que os consumidores resistem a alterar um hábito de consumo, mesmo expostos a variação de preços (Stein, 1996).

Contrariamente, as tendências comparativas que estabelecemos com freqüência para explicar o baixo consumo tomam por base o consumo europeu de carnes. Não cremos que tal relação seja adequada. No Brasil, no mercado varejista, normalmente o preço da carne suína é muito próximo ao da carne bovina, em contrapartida, o preço da carne de frango é bastante inferior, derrubando qualquer concorrente (EMBRAPA, 1992).

Este padrão de preços é diferente dos países que apresentam alto consumo *per capita* de carne suína, como os países europeus (50 kg/ano), mas se assemelha à China, não obstante o consumo chinês ser da ordem de 17,1 kg *per capita*/ano (EMBRAPA, 1992), contradizendo expectativas quanto ao fator preço.

Em 1995, o aumento no consumo de alimentos no Brasil, em decorrência da estabilização monetária advinda com o Plano Real, foi verificado em todos os setores. Roppa (1996) mostrou resultados que apresentaram valores surpreendentes no comércio alimentício, com um incremento de 98,2% na venda de produtos congelados, 42,1% nos industrializados de carne e 40,1% nas conservas vegetais. Estes números evidenciam os efeitos positivos da estabilização da moeda.

Seimetz (1994), baseado na Análise Prospectiva do Complexo Agro-Industrial de Suínos, elaborada pela EMBRAPA – CNPSA e USP em 1992, prevê, para o ano 2000, um consumo interno de proteína animal de 41 kg *per capita*/ano, sendo a suinocultura responsável por 22,5 a 24,0% deste total. Também é prevista para o período uma população da ordem de 175 milhões de habitantes e 60.000 toneladas de carne a mais para suprir esta demanda. Com esta visão otimista, estes estudos ainda argumentam que o Brasil poderá ser exportador de 150.000 toneladas/ano de carne suína dentro dos próximos 10 anos.

Um esforço muito grande tem sido feito no sentido de promoção do consumo da carne suína pelas associações de produtores, inclusive obedecendo às tendências que orientam que a sofisticação do gosto do consumidor, o aumento da preocupação com os aspectos visuais, as novas tecnologias de produção e o aperfeiçoamento do sistema de informações, são fatores que implicam no desenvolvimento de novos canais na cadeia de consumo de alimentos, permitindo assegurar que os produtos sejam elaborados de acordo com as exigências cada vez mais complexas do mercado.

Esta seqüência de etapas, entretanto, deve-se iniciar nos níveis basais do sistema de produção. Olhando por esse aspecto, a qualificação de carcaças implantada recentemente nos complexos agroindustriais do país objetivam atingir estes pontos, ao mesmo tempo que visam ser um instrumento de

estímulo à produção e à remuneração diferenciada ao produtor mais eficiente.

Contraopondo-se a estas linhas de pensamento, algumas correntes argumentam que o consumo aumentado possa desencadear reflexos negativos na estabilidade econômica do setor pelo desequilíbrio oferta/procura. Questionamos a validade deste argumento, desde que o consumo aumentado não represente um repasse de lucro. Efetivamente, uma grande lacuna ocorre entre o preço do suíno recebido pelo produtor e o preço final ao consumidor, girando, na atualidade, ao redor de 400% esta diferença. Este aspecto é um grande demonstrativo de que a suinocultura brasileira ainda precisa melhor se organizar, amadurecer para se impor, crescer e cumprir seu importante papel social e econômico.

4. A SUINOCULTURA COMO ELEMENTO DE FIXAÇÃO DO HOMEM NO CAMPO

A suinocultura no Brasil é uma atividade predominantemente praticada em pequenas propriedades rurais. Aproximadamente 82% dos suínos são criados em unidades de até 100 hectares, empregando mão-de-obra tipicamente familiar e conferindo fonte de renda e estabilidade social para quem a pratica (EMBRAPA, 1992).

Esta atividade, como geradora de empregos, seja de forma direta ou indireta, é responsável por aproximadamente 2,5 milhões de empregos no Centro-Sul do país. Um desarranjo neste processo refletiria de uma forma danosa no equilíbrio social desta grande comunidade. A falta de informação e de educação formal ao homem do campo pode ser um dos grandes fatores que contribuem para este desequilíbrio. Schultz (1965) ilustra de maneira interessante esta seqüência num processo de industrialização: "... Os investimentos começam com as fábricas e os equipamentos. Mas logo se torna evidente que a indústria moderna requer trabalhadores e gerentes com especializações modernas. A omissão do investimento em tais especializações é então corrigida. Enquanto isso, existe a suposição conveniente de que a produção agrícola sustentará o processo de industrialização, provendo uma parte do capital requerido para tanto, dispensando alguns trabalhadores para se empregarem nas indústrias em expansão e, acima de tudo, produzindo suficiente quantidade adicional de alimentos e outros produtos agrícolas para suprir a crescente demanda, sem aumento do preço de seus produtos. Vem, então, tardiamente, a penosa descoberta de que é necessário também modernizar a agricultura". O ciclo então se repete: são feitos planos para modernizar o setor, etc. Nenhum plano, porém, é feito para investir no pessoal do campo que, em conseqüência, não adquire as especializações e os conhecimentos necessários para usar efetivamente os "benefícios" da modernidade.

Pode-se também destacar as dificuldades de ordem política para essa educação:

- a) manutenção do *status quo* por parte dos latifundiários;
- b) países subdesenvolvidos, quando se modernizam, investem sobretudo nos setores secundários e terciários da produção, negligenciando as atividades primárias, que sustentam as outras;
- c) se as mudanças no sistema de produção exigem a limitação da propriedade privada da terra e dos outros meios de produção, e também de comercialização, os agricultores tornam-se estritamente trabalhadores agrícolas e sua capacidade empresarial, se chegou a existir, perde-se em definitivo.

Os sistemas de integração vertical e as grandes Cooperativas da região Centro-Sul ilustram de forma apropriada principalmente o aspecto comentado no item "c".

5. VIABILIZAÇÃO DO PEQUENO E MÉDIO SUINOCULTOR

A viabilização do pequeno e médio produtor está sofrendo direta e indiretamente ações que podem determinar sua manutenção, crescimento ou falência. Tratamos como fatores indiretos todos aqueles que envolvem questões políticas, cambiais, mercadológicas, entre outras. Já, diretos, são aqueles constituídos por situações passíveis de ações e conseqüentes reflexos, modificando padrões e valores dentro de uma estratégia definida. Guardam tal definição os investimentos em tecnologia, genética, eficiência, sanidade, etc.

Não cremos que somente através de ações específicas e isoladas as conquistas dos fatores diretos sejam suficientes para assegurar a sustentação da atividade, mas, sem dúvida, tais itens são básicos para a otimização do setor. Não existem regras ou receitas gerais, mas a viabilidade advém da eficiência. Por sua vez, eficiência envolve investimento em tecnologia, demanda de capital para gerar capital. Tal visão e aplicação comumente são limitadas pelas oscilações econômicas peculiares do setor.

Diferentemente, o grande produtor consegue investir mais em tecnologia e colher os frutos deste investimento que, mesmo pequenos, numa economia de escala garantem o sistema. A EMBRAPA (1992) apontou que o aumento da produtividade pode assegurar uma redução significativa no custo de produção. Foram abordados neste estudo pontos relativos a baixar o custo de alimentação pela melhora da eficiência alimentar, diminuição do custo do animal pelo aumento da eficiência reprodutiva, e utilização da inseminação artificial, reduzindo investimentos em reprodutores e redução do custo do capital fixo. Não obstante, uma série de particularidades faz a diferenciação das propriedades, sendo até possível predizer que cada produtor faz seu custo de produção.

Cercada de tanta instabilidade, a suinocultura, terá a garantia de maior ou menor viabilidade em função do modelo de organização em que está inserida (EMBRAPA, 1992). Assim, apresentam-se como modelos mais seguros, as integrações verticais e horizontais e os condomínios, sendo as estruturas verticalizadas e as especializadas, mais susceptíveis às adversidades do setor (EMBRAPA, 1992).

Neste sentido, merecem ser destacadas as limitações impostas principalmente pelas integrações verticais, que são caracterizadas como típicas empregadoras e as vezes mal remuneradoras do agricultor. Na realidade, o setor ainda deve melhor se organizar. O associativismo não tem sido ainda apresentado como uma forma de organização eficiente, contrapondo-se aos seus fundamentos básicos que priorizam as ações sociais.

À parte destas considerações, outras formas de viabilização da suinocultura, principalmente seguida por produtores isolados de pequeno e médio porte, mas que têm cumprido seus propósitos, tratam de agregações de valores pelo processamento e venda artesanal de produtos elaborados com a carne suína. Reconhecidos seus efeitos na somatória de lucros, a proposta é, entretanto, limitada principalmente pela ausência ou pela embrionária regulamentação sanitária desta atividade na granja (Silveira, 1996).

Neste sentido, apresentam-se a produtividade e a organização do suinocultor como elementos efetivos e fundamentais para o crescimento da suinocultura.

6. DESENVOLVIMENTO DAS REGIÕES AGRÍCOLAS PRODUTORAS DE CEREAIS

Classicamente, para a produção de proteína animal, algumas condições, quando presentes, determinam uma situação favorável para o seu desenvolvimento. Desouzart (1995) expõe alguns pontos bastante particulares ao Brasil e que têm permitido entender as tendências expansivas da suinocultura. São citados, entre outros: a extensão territorial, o clima favorável, a abundância de grãos, a tradição produtiva, a tecnificação elevada em certos segmentos, o dinamismo em vários setores e a presença dos mercados internacionais, indicando competitividade. A partir daí, até a contribuição da suinocultura para o desenvolvimento de regiões agrícolas, devemos considerar algumas questões.

Quando resgatamos a história das últimas duas ou três décadas, encontramos um grande crescimento agrícola na região Centro-Oeste. Constituíram, inicialmente, fatores para este desenvolvimento, os preços baixos de suas terras, os incentivos bancários

e governamentais, somados ao desafio que a região apresentava ao espírito desbravador do homem. As conseqüências foram a formação de novas cidades, o crescimento dos polos regionais e uma produção agrícola sempre se superando. Os recursos tecnológicos e a mecanização, advindos de financiamentos, asseguraram também este sucesso.

Com o passar dos anos, o segmento agrícola na região se enfraqueceu pelas características próprias da instabilidade do setor, entrou também em débito com as instituições financeiras pela má administração dos recursos, ou simplesmente pelo caos inflacionário que perdurou por anos.

Ao mesmo tempo, a região dispunha de uma estrutura, a princípio, passível de conceber novas indústrias transformadoras, iniciando o caminho da agregação de valores aos produtos primários (soja e milho) pela implementação da suinocultura e da avicultura. Alguns fatores estão diretamente ligados ao deslocamento da produção avícola e suínica na região. Primeiramente, a agricultura como fonte de matéria prima barata. Em segundo lugar, as indústrias transformadoras ou processadoras de soja, o mercado consumidor local, a proximidade da região sudeste (potencial centro consumidor) e o perfil do produtor, cujas origens guardam fortes laços com a criação de suínos.

Segundo Roppa (1996), as tendências de expansão da suinocultura parecem definir-se em duas direções: na região Sul, deverá ser mantida a infra-estrutura instalada, caminhando para uma especialização cada vez maior. O sistema de integração é marcante e deverá incrementar granjas voltadas para a produção de leitões e granjas de acabamento. Quantitativamente, o rebanho deverá crescer principalmente na região Centro-Oeste, acompanhando a expansão das culturas dos grãos, que estão sendo conduzidas com alta tecnologia e eficiência. Nessas novas áreas deverão predominar as cooperativas de suinocultores, independentes das grandes indústrias. Os grandes programas de genética que se instalam no país deverão dar preferência para as regiões do cerrado no Centro-Oeste e Triângulo Mineiro, os quais permitem um adequado controle sanitário (Roppa, 1996).

De acordo com as perspectivas expostas, a transformação do milho e da soja em proteína animal sugere um caminho forte, apoiado por tendências organizacionais (cooperativas), o que já prediz de certa forma um processo de desenvolvimento. Paralelamente, empurrada pela eficiência, a suinocultura objetiva alvos sempre maiores, contratando técnicos e aperfeiçoando sua mão-de-obra, ampliando progressivamente a ciranda financeira e social de uma região agrícola.

SILVA, C.A., RIBEIRO, P.R., SOTO, W.C., FRANCIS, D.G. Social aspects of the brazilian swine production. *Semina: Ci. Agr.*, Londrina, v.19, n.1, p.94-98, mar. 1998.

SUMMARY: *This article describes the actual social organization of the brazilian swine production. The objective is to understand the activity, its future and viabilization aspects, binded to its economic and social functions.*

KEY WORDS: *Economics, sociology, pigs, swine production.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABCS. Associação Brasileira dos Criadores de Suínos. *Registro Genealógico e Provas Zootécnicas-1994*. ABCS, MAARA, 1995. 88p.
- CARVALHO, J.C.M. *O desenvolvimento da agropecuária brasileira: da agricultura escravista ao sistema agro-industrial*. Brasília : EMBRAPA-SPI, 1992. 171p.
- CASTRO, J. *Geografia da fome (o dilema brasileiro: pão ou aço)*. 10.ed. São Paulo : Brasiliense, 1967. 270p.
- DESOUZART, O. O mercado de carne de suínos e aves no mercosul. In: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE NUTRIÇÃO DE SUÍNOS E AVES, Campinas, 1995. *Anais...* Campinas, CBNA, 1995. p.9-20.
- EMBRAPA. *Análise Prospectiva do Complexo Agro-industrial de Suínos no Brasil*. Concórdia : EMBRAPA/CNPSA, 1992. 108p. (Documentos, 26).
- ROPPA, L.A. Suinocultura em Números. *Suinocultura Industrial*, n.123,p.24-34, junho/julho, 1996.
- SANTANA, A.C. Estrutura da oferta de carne suína sob condições de risco no Brasil. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, v.30, n.1, p. 21-39, 1992.
- SCHULTZ, T.W. *A transformação da agricultura tradicional*. Rio de Janeiro : Zahar, 1965. p.199-200.
- SEIMETZ, J.L. Panorama da suinocultura brasileira. In: SIMPÓSIO LATINO AMERICANO DE NUTRIÇÃO DE SUÍNOS. São Paulo, 1994. *Anais...* São Paulo : CBNA, 1994. p.13-17.
- SILVEIRA, E.T.F. Processamento artesanal de produtos com carne suína. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE SUINOCULTURA, 2., São Paulo, 1996. *Anais...* São Paulo : Gessuli, 1996.
- SINGER, P. *Desenvolvimento e crise*. 3.ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1982. p.42.
- STEIN, B. Tendência mercadológica na visão da indústria. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE SUINOCULTURA, 2., São Paulo, 1996. *Anais...* São Paulo : Gessuli, 1996.